



## **COMUNICADO AOS ASSOCIADOS**

### **Testagem rápida defende empresas e emprego**

Portugal perdeu o controlo precário que chegou a ter sobre a Covid-19, regista a mais alta taxa de infeção a nível global e apresenta, todos os dias, um registo de mortos que nos choca e paralisa. A normalização deste estado permanente de catástrofe não deve, no entanto, ser aceite como uma inevitabilidade apenas passível de ser contida através da aplicação de medidas públicas draconianas de confinamento que, como é sabido, são elas próprias geradoras de outros graves problemas sociais, económicos e financeiros que nos acompanharão durante muitos e muitos anos.

A destruição generalizada de riqueza em curso impacta diretamente nas empresas e nos trabalhadores, destrói capital, reduz oportunidades e provoca mais desigualdade. Antes da pandemia, as empresas portuguesas encontravam-se numa fase ascendente, as exportações continuavam a aumentar e o mercado interno crescia saudavelmente. A criação de emprego refletiu este momento ascendente que ultrapassou em muito as melhores expectativas. É fundamental criar um cordão sanitário robusto à volta das empresas para melhor defendermos o sector produtivo e o nosso país. A testagem massiva dentro das empresas é o único caminho que sobra para garantirmos o funcionamento das operações e evitarmos mais contágios. Devido aos custos elevados e tempo de resposta dos testes de PCR, só temos uma alternativa: assumirmos, nós próprios, nós empresas, o imperativo de realizarmos um plano interno nacional de testagem rápida a todas as nossas equipas, isto é, testes de antigénio a pessoas assintomáticas, seguindo as indicações e Normas da DGS

A crítica que se faz, habitualmente, ao teste de antigénio é a sua baixa sensibilidade para doentes com poucos ou nenhum sintoma. No entanto, este teste não tem como objetivo detetar se alguém tem ou não sintomas. O teste pretende, sim, detetar quem tem alta carga viral e a pode transmitir. Os assintomáticos com capacidade para transmitir o vírus são detetados pelo

teste. Assintomáticos sem capacidade de transmitir não são detetados pelo teste. Esta diferenciação ajudará as empresas a gerir melhor os seus recursos humanos — e não às cegas — e a ter total visibilidade sobre o que está realmente a acontecer dentro de cada uma das empresas e com cada uma das equipas.

A pandemia contraria-se de várias maneiras. As empresas devem, portanto, estar à altura das circunstâncias e devem usar os melhores recursos técnicos e científicos para, dentro do possível, navegar este período de excecional exigência e elevado risco operacional. Como é público, a testagem rápida tem sido usada com êxito em vários países e em modelos diferenciados: por vezes, testagem nacional, outras vezes, testagem segmentada e dirigida a setores específicos. O Governo português chegou a avaliar — nalguns casos, chegou mesmo a concretizar — a testagem rápida nas escolas, por ser esta a única solução capaz de detetar o vírus antes de ele se espalhar e, assim, levar ao encerramento das escolas. As empresas devem fazer o mesmo.

Os testes de antigénio têm várias vantagens. São fáceis de administrar, são rápidos por definição — até 15 minutos para dar o resultado — e são relativamente baratos. Começam a detetar a infeção dois a cinco dias depois do contágio., ao dar positivo, o paciente deve ser encaminhado para o rastreio epidemiológico nacional público. Se der negativo, a pessoa mantém a sua vida pessoal e profissional normal, voltando a ser testada na semana seguinte — a regularidade da testagem é fundamental para o êxito da operação. Os testes que se encontram no mercado, apresentando uma sensibilidade média de 95% e especificidade de 99%, garantem a exequibilidade deste plano. Na verdade, estes testes já são amplamente usados em Portugal e devem, agora, ganhar escala nas empresas, criando, assim, um anel de segurança que ajuda o país, defende os trabalhadores, as empresas e, acima de tudo, o nosso futuro.